

PORTO

PROJECTO VALORIZAÇÃO  
DO ESPAÇO E DO COMÉRCIO TRADICIONAL  
ATRAVÉS DA MEMÓRIA

HISTÓRIA DE VIDA DE  
MARIA EDUARDA FERREIRA ALVES  
DE MATOS

Registada em 29/09/2009 por  
SUSANA PIRES E MARLENE ANDRADE

# FICHA TÉCNICA

**Editor:**

TRENMO Engenharia S.A.  
Sítios e Memórias

**Fotografia:**

Armando Afonso

**Coordenação:**

Jenny Campos  
Liliana Monteiro

**Revisão:**

Jenny Campos  
Liliana Monteiro

**Editores:**

Ana Cruz  
Cláudia Simões  
Jenny Campos  
Joana Ribeiro  
Liliana Monteiro  
Marlene Andrade  
Susana Pires

- 05 Mini Biografia
- 05 Ascendência: A última a viver na casa do Porto
- 05 Educação: *"Do Porto nunca mais saí"*
- 06 Casamento: Num apartamento desde o casamento
- 06 Percurso profissional: Primeiro e único trabalho
- 07 Quotidiano: *"É mais esperar"*
- 07 Lugar: Os passeios
- 08 Rua: Rua das Flores  
Movimento  
O melhor é ser tradicional e o pior a desumanização  
Porta da cidade
- 11 Animação: Mais lojas, actividades diferentes  
*"Luto por aquilo que acredito"*
- 12 Loja: Ferreiros Joalheiros  
Sociedade com um amigo  
Tempos de maior afluência  
A concorrência das pedras
- 16 Clientes: Perfeitamente fidelizados
- 17 Avaliação: O amanhã desta rua

**MARIA EDUARDA FERREIRA ALVES DE MATOS**



Maria Eduarda (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

## Mini Biografia

Maria Eduarda Ferreira Alves de Matos é natural de Castelões, embora tenha nascido no Porto, a 10 de Junho de 1947.

Depois de terminar a Licenciatura de História foi dar “aulas de Estética de Arte”, e em simultâneo começou a trabalhar na Ferreiros Joalheiros.

Actualmente gere a casa e dedica-se “essencialmente a coisas novas e transformações”.

Lamenta que o comércio tradicional esteja a atravessar uma fase tão difícil, “as pessoas procuram comprar galinha gorda por pouco dinheiro” mas acredita que a solução pode estar na fidelização do cliente.

## Ascendência

### A última a viver na casa do Porto

A minha mãe é Maria Dina, que ainda é viva, tem 97 anos, é a única de seis irmãos que viveram nesta casa, até à antepenúltima que morreu em 2002, a penúltima morreu em 2005, mas já não no Porto, foi no Caramulo, em Castelões, onde eu tinha a viver a minha mãe. Essa tinha nascido já no Porto, morreu com 75 anos e já tinha esta casa. A minha mãe viveu aqui até casar, depois saiu do Porto, a minha tia mais velha veio trabalhar aqui para esta ourivesaria, não como sócia mas como empregada de um primo direito que era o Luís Ferreira. Isso era uma sociedade que tinha com outro, um antigo empregado também da firma David Ferreira, depois separaram-se e cinco anos depois eu adquiri-a para não sair da família, no Verão quente de 1975, eu aventurei-me a comprar uma ourivesaria nesta zona da cidade. Não foi fácil, foram umas horas difíceis. O meu pai não tem nada a ver com a ourivesaria. Foi criado no Brasil, veio para Portugal e depois casou. Viveu sempre no Caramulo, até morrer. Os meus pais estiveram casados muito pouco tempo.

## Educação

### "Do Porto nunca mais saí"

Eu fiz a instrução primária no Caramulo, depois vim para o Porto estudar e do Porto não saí mais. Fiz o Liceu, fiz o curso de História, comecei a fazer um trabalho ligado à Arte, que eram as fontes do Porto, depois estive no IADE, quando ele abriu, mas só estive um ano. Andei oito anos, no Colégio Nossa Senhora da Esperança. Nunca fui interna, sempre fui externa e semi-interna.

Nunca passei por nenhum colégio interno e por nenhum colégio de freiras, que aquilo era um colégio ligado à Misericórdia e não tinha freiras. Então fui para a Faculdade, tirei o curso de História, não era esse que eu queria tirar mas por contingências a Arquitectura não era muito bem aceite na época, não me deixaram e fui tirar História que nunca exerci. Depois trabalhei no comércio ainda que nunca na minha vida me passou pela cabeça algum dia vir cá parar.

## Casamento

### Num apartamento desde o casamento

Casei, tive um apartamento e fiquei lá a viver. Não tenho filhos, sou separada, estou divorciada já não sei há quantos anos e contínuo com o meu trabalho sozinha. Eu vim para este prédio desde há 11 anos. Depois saí quando casei, em 1976, para onde moro ainda, que não é na Foz, é na zona da Avenida de França. Porque tem espaço, porque tem árvores, porque não tem muito betão, tem quanto baste embora eu more num prédio de apartamentos mas não é uma zona considerada de muita densidade. É bom, é simpático.

## Percurso profissional

### Primeiro e único trabalho

O meu primeiro trabalho foi na ourivesaria. Nunca tive outro trabalho.

Só estive um período a dar umas aulas de Estética de Arte ou coisa parecida, que me pediram, mas não aguentei as duas coisas. De resto sempre trabalhei aqui, a família sempre teve tradição de ourivesaria e de joalheria. Embora eles se dedicassem também a antiguidades, eu nunca me dediquei a antiguidades, dedico-me essencialmente a coisas novas e transformações, é uma coisa que está feia, está fora de moda, a pessoa manda dar uns jeitinhos, tira aqui, põe acolá, transforma e nasce uma coisa completamente diferente. Às vezes, basta mudar uma pedra, a cor de uma pedra central, por exemplo. Já me aconteceu, um alfinete todo com pedras vermelhas escuras e tinha no meio uma cor turquesa, e ela disse:

- "O que é que eu hei-de fazer a isto?"

- Ó filha, a única coisa que tens a fazer a isso é tirar a do meio que está aí a destoar.

E mudou completamente. Bastou mudar uma única pedra, é o suficiente.

Por exemplo, há pessoas que não usam brincos e fazem fechos de colar. Outras não gostam de anéis e fazem fechos de colares, outros fazem pulseiras. Há uma adaptação, eu criei uma forma

de ver a ourivesaria, que está sempre em transformação, e se pode modernizar, que se pode continuar sempre a usar. Claro que há a jóia de brilhantes que só se põe em festas e que só se põe em grandes ocasiões. Essencialmente, a jóia deve ser uma jóia que deve ser usável. Eu nunca saio para a rua sem trazer um colar de pérolas ao pescoço. Já não uso muito ouro porque já dá muito nas vistas e tudo mais, mas as pérolas ninguém toca e venho no metro. Nunca ninguém me incomodou. Nunca deixei de usar anéis mesmo vindo de metro. Só que não vou trazer coisas muito espalhafatosas ou que dê muito nas vistas, que provoque. Porque as pessoas também têm de saber usar as coisas. Não se anda no metro com brilhantes a chamar a atenção. Comecei por aprender com o antigo sócio as coisas mais elementares, embora tivesse algumas noções. Quer dizer nunca fui empregada, não passei por essa função. Se calhar faz falta mas sei respeitar o pessoal. Ainda tenho empregadas que vêm cá, desde uma empregada que eu tinha nessa altura, ainda hoje cá vem e é cliente.

## Quotidiano

### *"É mais esperar"*

O dia-a-dia na loja é a ver o que é que há para fazer. O que é que se tem para comprar. Se há alguma coisa para o cravador, se tem de se ir ao dourador depois espera-se que o cliente venha. É mais espera do que atender. Ou vai ao gravador, ou vai ao dourador e depois vêm os clientes quando vêm. Ou ligo o telefone para pedir qualquer coisa, ou vem o fabricante. É isto, um movimento muito reduzido porque vem pouca gente passear, vem pouca gente à Baixa passear, porque também não há. É o que eu digo, com os horários das pessoas que trabalham, não têm horários para vir à Baixa. E por muito que queiram eu não sei como se vai pegar para revitalizar, o movimento que hoje há é de turista.

## Lugar

### **Os passeios**

Eu tinha 11 anos quando vim para o Porto. Era tão diferente. Lembro-me que a minha avó que eu acompanhava muito, era frequente ir aos Congregados.

Ainda havia carros de bois, havia os eléctricos, havia o 1 que subia e que descia, andavam os carros, circulavam as pessoas, passeavam aos fim-de-semana. Ao sábado passeava-se na Rua 31 de Janeiro e na Rua Santa Catarina porque era uma zona das pessoas irem passear e virem lanchar.

## Rua

### Rua das Flores

A rua dos ourives com muitas lojas e uns manequins muito feios à porta.

Na Rua das Flores eram para aí 37 ourivesaria e todos viviam. Havia aqui uns engraçados que, normalmente, se pegavam. Andavam sempre a insultar-se, pegavam-se. E mesmo os chamados carapuceiros. Não sei porque é que se juntaram tantas ourivesarias nesta rua. Isto é burguês, há um patrono que é Santo Eloy e era a rua do ouro porque era uma rua do século XVII. E depois uns chamam os outros, e depois é o empregado que aprendeu e vai montar ao lado. E assim sucessivamente.

Antigamente tinha pronto-a-vestir. Por exemplo, há uma casa na esquina da rua que ainda tem os letreiros "Vestir bem e barato" e era muito engraçado porque tinha uns manequins muito feios, daqueles que saíam e recolhiam à noite. E vinham cá para fora, muito feios, onde se punha as samarras. Essas lojas de pronto-a-vestir, eram muito engraçadas, tinham manequins, tão feios e depois os clientes vinham cá e compravam um casaco.

- "Quer ver como lhe está bem?"

O dono ajustavam o casaco nas costas. Era isto, chegavam lá à terriola e o casaco estava largo mas tinham vindo ao Porto comprar. No outro dia, um amigo meu telefonou-me e diz:

- "Olha lá, sabes onde se compra samarras?"

- Eu sei lá onde se compram samarras. Não faço a menor ideia onde se compram samarras.

Dantes havia aqui na rua samarras, casacas de homem que tinham gola de raposa ou uma coisa parecida. E há pessoas que, às vezes, querem para as quintas. Os compridos era mais para o Alentejo mas também havia cá. E havia também os alfaiates. Depois tinha aquele comércio de botões, roupa interior e havia assim uma série de lojas. Por exemplo, aqui nos Clérigos havia o Espelho da Moda que era uma casa, das primeiras boutiques, com a qualidade de marcas estrangeiras, era do senhor Cunha. Havia sempre boa qualidade de oferta. Depois havia as livrarias. Havia aqui a Casa Carregosa, que era uma corretora forte, havia mais ourivesarias, a Ourivesaria Rosa que agora está no foco, depois havia lojas de roupas. Também havia armazéns de fazendas, cobertores e essas coisas.

Na Mouzinho da Silveira havia mercearias, ferragens, também havia casa de malas e guarda-chuvas. Houve aqui uma fábrica de guarda-chuvas, havia aí uma fábrica de medalhas, uma senhora que fazia medalhas artesanalmente, havia uma torrefacção, uma vidraria grande tipo Marinha Grande. Havia uma mercearia óptima que era o Gaspar, aquelas mercearias antigas, como há uma agora, uma miniatura do que havia aqui em termos de mercearias, mercearias óptimas com muita qualidade, com muito sortido, era engraçado. Não tinha nada a ver.

Neste momento, já se fizeram restaurantes ali na zona de Cândido dos Reis, há restaurantes e simpáticos durante o dia. Tem aqui um ou outro, dois restaurantes em frente aos Bombeiros, de resto são os restaurantes tradicionais onde os mais jovens não vão, por exemplo. Vão as pessoas para cima dos 60, porque estão habituados a esse tipo de alimentação, tudo tem a ver com a alimentação também porque não evoluiu a oferta. Não há uma loja de sopas, não há uma loja de sandes, para começar pelo mais elementar. E é o que eu digo. Eu não sou racista, de maneira nenhuma, mas a oferta de comércio cada vez está pior.

### **Movimento**

Havia muito movimento na altura. Essencialmente de carros, carros eléctricos, havia os trolleys, também havia os autocarros. Os comboios vinham da província com muita gente, quer dizer, quem vinha depois de Gaia já era considerado província, Gondomar, Paredes era considerado província, todos esses arredores hoje estão perfeitamente integrados, mas antigamente eram considerados província. Vinham ao Porto porque não tinham comércio. Lá o comércio era muito diminuto, a não ser nas feiras. Era completamente diferente, não havia nada de supermercados, nada de lojas. Eram aquelas merceariinhas que têm tudo. Portanto, tudo o que fosse comprar coisas, vinha à cidade. Depois o comércio migrou para essas povoações que passaram a ser vilas, passaram a ser dormitórios mas depois têm os fins-de-semana que ficam lá, já não vêm à cidade. Porque, entretanto, abrem casas para eles. Casas que só funcionam aos fins-de-semana. Existe também mais concorrência.

### **O melhor é ser tradicional e o pior a desumanização**

O que esta rua tem de melhor é que é uma rua tradicional ainda. Eu espero que se mantenha com qualidade, que não morra e que ainda haja alguém que lute por isso. Ainda no outro dia encontrei um senhor que queria uma loja aqui. Só que com a história da recuperação do quarteirão, estão a matar tudo e depois as pessoas vão-se embora. Pela experiência que eu tive em 2000, as pessoas não vêm. Estão convencidos que vêm mas não vêm. Porque não têm essa vivência, porque não estão cá no dia-a-dia. A pessoa vai e não vem. Cria raízes noutros sítios e não volta. Esse senhor não encontrou o que queria, não estavam disponíveis as lojas e o que havia era caro. Para montar o negócio precisava de pagar 2000 euros pela casa. E para fazer 2000 euros é preciso trabalhar muito. Começar do nada é diferente de, por exemplo, um indiano que já está radicado no país há 11 anos. Esse já pode pagar 2000 euros.

O que tem de pior esta rua é a falta de amor que se tem por conservar aquilo que é tradicional no Porto, a falta de gosto. Vão para fora, vão a Praga, vão aqui, vão acolá, acham óptimo, acham

lindérrimo. Preservar o que têm, olhar pelo que têm, ninguém olha, pouca gente. Só os mais jovens é que já estão alertados para isso, mas há uma faixa etária que não liga absolutamente nada à cidade, está-se a borrifar porque não faz parte dos seus valores. É uma questão de valores. Há uma modificação de valores.

Nota-se que tem havido uma degradação completa porque têm aberto novos centros de comércio. Não houve cuidado de preservar a qualidade do comércio.

Abriram novos centros e a cidade aumentou. Todas as cidades aumentam e não se degradam como esta se degradou. Eu que trabalho desde 1965 aqui, é de ano para ano a ver a degradação da cidade. Com as obras do Metro foi um caos, a seguir ao caos do Metro veio 2001 que então matou completamente. Desde 2001 para cá tem sido a pique. Na altura, do Porto Capital de Cultura, fizeram tudo menos coisas que valorizassem a cidade. Fez-se a Casa da Música, está bem, mas fizeram-se pavimentos de ruas que não servem para nada ou algumas que têm um empedrado que têm pouca qualidade. Agora está-se a tirar partido de Cândido Reis e daquela zona que dantes não estava aproveitada. Foi o único onde se tirou proveito. Aqui para baixo, a Avenida dos Aliados cada vez está mais despida, daqui a pouco só falta pôr lá as barracas do circo. A exposição de arte que houve do Espaço T tudo bem. Foi muito contestado por muita gente que ouvi muita gente contestar mas não podemos agradar a toda a gente. A avenida ficou descaracterizada, nem é carne nem é peixe. Tem a vantagem quanto a mim, também vejo a vantagem, é que vêem-se melhor os edifícios que estão degradados, e que dantes estavam um bocadinho mais encobertos. Porque os bancos saíram da cidade, do centro, aliás foi uma das coisas que mais contribuiu também para a degradação da cidade foram os centros de decisão bancários, as companhias de seguros, a própria TAP, todas essas companhias saíram do centro da cidade. Por falta de estacionamento, por meios de comunicação difíceis e, portanto, as pessoas começaram a sair. Conclusão, com isso o comércio foi afectado, deixou de haver gente com dinheiro a comprar os artigos. Portanto, as pessoas para sobreviverem cada vez mais compram artigos mais baratos. As pessoas que tinham poder de compra alto iam para as zonas onde havia artigo correspondente a eles. E aqui ficou estagnado num comércio tradicional, a não ser aqueles que mantiveram sempre a fidelização dos clientes. Por exemplo, desde que fecharam ao trânsito foi um caos. Primeiro era uma garagem colectiva.

Todos púnhamos aqui o carro, estacionávamos aqui o carro, chegavam a três filas de carros. Depois tiraram o estacionamento ficou um deserto. As pessoas não vêm, não têm acesso, tiraram as rampas, não se pode passar. Não vem aqui um carro. Se vem tem que dar aqui a volta. Quer dizer, que se tirasse o trânsito tudo bem mas que houvesse acesso. Eu ainda falei para o Metro por causa de haver rampas. Não, porque o projecto não previa rampas de acesso. Era uma zona

pedonal e não havia acesso a rampas. Eu acho que a principal deterioração daqui foi a desumanização das pessoas. Deixou de haver qualidade e deixou de a pessoa humana ter dimensão, de contar, contavam os projectos, contavam as obras mas a pessoa não contava. Desumanização completa. Muita da degradação passa pela desumanização. A pessoa humana não interessa. Interessam os projectos mas não tem dimensão humana, não têm.

### **Porta da cidade**

Não sei a história da rua. Santa Catarina das Flores é o primeiro nome da rua.

Aqui era uma das portas da cidade. Havia o rio da vila porque não existia a Rua de Mouzinho. A Rua de Mouzinho é um rio, aquilo com o metro foi regularizado.

É um rio que vem de cima da Arca d'Água e depois vai desaguar ao rio. Ainda me lembro de carros de bois virem aqui à cidade. Era engraçado. Mas foi nos primeiros tempos. Depois deixaram de vir os carros de bois à cidade, devia ter uns 12/13 anos. Depois disso não me lembro. Portanto, isso passa-se em 1950.

Nos anos 50 ainda havia carros de bois por aí, depois era o 1, que parecia uma zorra a subir aqui a rua. Vinha de Matosinhos e dava a volta à praça e tornava a descer. Eu tinha uma tia que era muito engraçada que contava as histórias todas.

Mas era engraçado. Era um tipo de vida completamente diferente. Eu lembro-me do carvoeiro levar a lenha lá em cima ao quarto andar porque a cozinha era no quarto andar. Eu lembro-me do merceiro que vinha com o cesto às costas trazer a mercearia. Vinha a lavadeira buscar a roupa porque não havia máquina de lavar. Vinha o homem do talho. Tudo vinha a casa.

## **Animação**

### **Mais lojas, actividades diferentes**

Actividades nesta rua é difícil porque não temos segurança, eu nunca abro à noite, no Natal.

Porque não há oferta, por exemplo, dantes havia os cinemas, havia o Rivoli, o Batalha, o Coliseu, o Passos Manuel, agora aqui o que há? Há o Rivoli, o Batalha nem sei se funciona. Funciona o São João, mas não há cinema. Os cinemas deslocaram-se todos para os centros comerciais. E na altura que havia os cinemas havia mais pessoas aqui, muito mais pessoas.

Se se conseguisse trazer para aqui mais livreiros, antiquários, essencialmente, às vezes perguntam-me onde há antiquários, onde há antiguidades, era importante, mesmo para o turista, ou mesmo aquele que não é turista mas que vem de fora, há necessidade de trazer o comércio tradicional para a cidade. Livreiros, como a Lello mas mais. Alfarrabistas. Não sei até que ponto a casa dos

discos, vinil e essa coisa toda que tem na Rua do Breyner, trazê-los aqui para baixo. Aqui não há uma única loja de botões! Nós tínhamos aqui umas quatro ou cinco. Se se quiser comprar um botão ou um carrinho de linhas, têm de ir à Batalha, ou a Cedofeita, ou têm de ir aos Leões. Aqui havia três, pelo menos. E as pessoas continuam à procura dessas lojas. Casas de guarda-chuvas não existem, casas de chapéus existe ali uma na Rua de Loureiro e a senhora sobrevive a duras penas. Não há uma florista aqui. Não há ofertas.

Agora, felizmente, montou-se ali uma lojinha, a Mercearia São Bento, eu passo lá, neste momento não tive necessidade de comprar lá mas a dona da mercearia está satisfeita porque teve uma boa recepção, foi buscar brinquedos tradicionais, aqueles tamborzinhos, as lousinhas para o turismo, ali tem compotas, tem doçarias. E eu chamei-lhe a atenção:

- Olhe que no lado de lá a agência de viagens está com vinhos do Porto.

Não se esqueça de os trazer também aqui para a rua. Você está com vinhos mas não está com vinhos do Porto. Arranje maneira de trazer vinhos do Porto.

Fui lá ceriquitar com ela. Estive à conversa com ela porque achei piada. E nesta altura, dá vontade de ajudar, dá vontade de colaborar e chamar a atenção. Eu gostava de ver mais lojas aqui, com qualidade. Todos ganhávamos.

## ***"Luto por aquilo que acredito"***

Enquanto aqui estiver tenho esperança, depois não sei. Enquanto estiver aqui luto por aquilo que acho que é válido, ou aquilo em que acredito. Eu luto por mim e procuro que na rua haja qualidade. E quando não vejo coisas bem não me importo de telefonar para a polícia e chamar para aqui a Polícia Municipal e dizer que está mal. No outro dia estava a tampa da água partida, a senhora que vinha contar a água, embicava com ela e eu embicava com isso. Ela ia para lá, dizer aos Serviços Municipalizados que aqui as pessoas caíam. Tanto falou ela, como falei eu, conseguimos que a caixa fosse arranjada.

Hoje veio aí uma senhora que vinha regar os vasos, os vasos estão aí todos secos. Não sei quantas vezes pedi para os Jardins Municipais, flores para a Rua das Flores, não adianta nada, o que tenho aqui em cima é falso. Senão não vale a pena. Para dar uma certa gracinha porque eles não se preocupam com nada. É Rua das Flores de nome, mais nada. Ninguém faz nada por esta rua.

## **Loja**

### **Ferreiros Joalheiros**

O nome da casa é Ferreiros Joalheiros, que a minha mãe é Ferreira pelos dois lados, pela mãe e pelo pai. O meu avô também era Ferreira e a avó também era Ferreira. Portanto, ficou Ferreiros

e continuo no ramo Ferreiro. O nome da rua é Rua das Flores, que era Rua Santa Catarina das Flores, foi o que me foi dito e está num placarzinho e o número da porta 283. Começa a casa, com entrada independente 281, depois é a entrada da loja que é 283 e a montra que é 285. Esta loja procura ter peças de qualidade com a preocupação que sejam diferentes, tipo peças únicas. Gosto muito de trabalhar com peças únicas e o que faço é mais ou menos artesanal. Procuo ter coisas artesanais, coisas modificadas e coisas únicas. Não sei se será a linha mais correcta mas é a que sei fazer, embora haja necessidade de ter uma coisa de série.

### **Sociedade com um amigo**

O meu bisavô veio do Caramulo trabalhar para o Porto, com um amigo que o trouxe para trabalhar. Depois ele montou a primeira ourivesaria com o sócio na Rua das Flores porque era a Rua dos ourives. E depois ficou tudo aqui. Depois separaram-se os dois sócios, em 1970. O Luís Ferreira foi para a rua Trindade Coelho e nós ficamos aqui na Rua das Flores. Uma coisa engraçada é que a maior parte das famílias de ourives estavam ligadas entre si. Porque ou habitavam perto ou habitavam mesmo por cima do comércio. Depois, entretanto, claro que a cidade alargou e a maior parte dos comerciantes saíram para outras zonas da cidade, como é uma cidade burguesa sempre ligada ao comércio, enriquecem e mudam para uma zona de moda, uma zona como neste momento é a Foz, ou já não tanto a Foz mas aquela zona ali do Parque da Cidade que tenho a impressão que hoje deve corresponder à parte de moda.

### **Tempos de maior afluência**

Antigamente era completamente diferente. A frequência era diferente. Hoje os centros de emprego estão fora da cidade. Portanto, as pessoas não têm tempo para vir à Baixa. Vão aos centros comerciais. Ou então vêm quando já se reformaram. A faixa etária que trabalha não vem à Baixa. Não têm tempo porque os horários não se compadecem com isso. Porque aos fins-de-semana, à sexta-feira estão prontos para ir para a segunda habitação ou para ir passar o fim-de-semana fora. Porque trabalham intensamente a semana toda, portanto, o que querem é sair da cidade. Antes o sábado era sempre um sábado muito movimentado. Hoje o sábado, às vezes, não entra ninguém. Os hábitos criaram-se, toda a maneira de se estar na vida é completamente diferente. Como adaptar o comércio tradicional a isso eu não faço a menor ideia como será feito.

Nessa altura com mais afluência havia a minha tia, eu, havia o meu primo e todos trabalhávamos. E havia um outro empregado. Havia trabalho para toda a gente. Ou porque se tinha de ir ao cravador, ou porque se tinha de ir ao fabricante buscar isto, sempre foi uma ourivesaria que

# MARIA EDUARDA MATOS



Interior da Ferreiros Joalheiros (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

mandava fazer por encomenda e tinha os seus fabricantes e, portanto, era preciso ir aquele fabricante levar isto, buscar ou vinham cá ou vinha-se comprar ou coisa parecida. Era completamente diferente. Portanto, a ourivesaria era essencialmente artesanal. Recorria-se ao cravador ou ao cinzelador, tudo isso que hoje é feito de uma maneira industrializada porque se industrializou a própria ourivesaria. Hoje há um ou dois artesãos que fazem uma série de coisas mas de uma maneira geral, o que há e o que resiste só resiste a nível industrial. Há muito pouco quem tenha oficina e já não é nas cidades. Existe o Miguel Almada que tem uma oficina própria mas não está na cidade, está na Rua Júlio Dinis que já não é centro da cidade. Eu tive para ter uma e desisti porque a parte artesanal deixou de compensar e não avancei.

Ainda fiz uma campanha para Lisboa. Tive clientes em Lisboa que deixaram de vir ao Porto porque depois também se criaram mais coisas lá. Mas tinha muita clientela. E não tenho mais porque não tenho tempo para ir a Lisboa.

Tive em dois hotéis, de resto nunca fiz muita publicidade porque depois começa a encarecer. Tenho nas Páginas Amarelas e não tenho mais também porque trabalhar sozinha é muito complicado.

## **A concorrência das pedras**

A crise também veio diminuir, veio dar uma machadada muito grande no comércio tradicional porque as pessoas procuram comprar galinha gorda por pouco dinheiro, comprar coisinhas a fingir, porque vendia imensas moldurinhas pequeninas para baptizado, ou para uma criancinha, que não lhe mexi no preço, o preço é o mesmo e deixaram-se de vender. Porquê? Porque as pessoas ainda vão comprar coisas mais baratas do que aquilo. E depois há muita gente que com o desemprego começou a fazer coisas em casa como colares e pulseiras e isso deu cabo de nós. Enquanto nós antes é que tínhamos os colares e as pulseiras, agora com um mercado que entrou de pedras indianas as pessoas com o mínimo de gosto fazem pulseiras, vendem às amigas, as amigas vendem às primas, vendem em feirinhas, vendem aqui e acolá, ou então fazem *franchising* que não tem qualidade. Eu digo, aconteceu-me uma coisa engraçada, apareceu-me aí um galego que andava à procura de coisas antigas e foi ali aos indianos.

E comprou uma pulseira porque tinha aspecto de antiga e ele ia vendê-la como antiga. Porquê? Porque é artesanal.

- "Você já reparou nestas pedras?"

Ele percebeu que eu lhe achei piada e que o entendia, e ele disse:

- "Você já viu como estas pedras estão? Até parecem antigas. Eu vou vender isto por antigo."

Até o negócio da bijutaria faz concorrência. Como é que se pode competir com uma loja que

vende pulseiras por 10 euros e 5 euros. É impossível.

É perfeitamente impossível competir. Ou se compra e transforma e manda transformar e faz uma ou duas peças, mas isso tem custos e esses custos já não é toda a gente que vai poder pagar, porque as pessoas que têm poder de compra para esses custos não vem à Baixa. É um dilema. Das duas três, ou se faz com qualidade, faz design, faz coisas únicas e elas não são baratas, são para determinado número de pessoas ou então estou pendurada no telefone a dizer às pessoas que tenho as peças. Não tenho outra alternativa. Porque as pessoas só por si não vêm.

## Clientes

### Perfeitamente fidelizados

O cliente da ourivesaria é o médio alto, mas que hoje com a crise foi muito afectada. Se fosse classe alta talvez fosse menos afectada, mas era médio-alto, e a classe média foi a que, realmente, foi mais afectada com toda a crise que se tem vindo a desenrolar. E que também migrou muito de zona e continuámos a não ter muitos acessos, ou temos ali a partir da Casa da Música para aqui de metro ou das Antas, mas a Foz não tem acesso a não ser de autocarro que é o caos. As pessoas têm de vir de carro e os parques são caros. Por muito parques que continuem a fazer, continuam a ser parques caros. Querem construir outro mas também não vem proteger os habitantes que eles querem vir trazer para aqui. É uma das coisas que eu debati sempre. Eles queriam fazer emparcelamento mas não garantem que os novos inquilinos tenham acesso, a não ser como outro qualquer cliente que venha de fora aos parques de estacionamento.

Depois temos clientes já na terceira geração. Perfeitamente fidelizados. E esses deslocam-se, não têm problemas nenhuns a deslocarem-se cá. Às vezes reclamam:

- "A gente vem à baixa por tua causa. Podias mudar daqui".

Eu ouço há mais de 20 anos que devia sair daqui. Mas não saí por uma razão muito simples. Não saí por causa das minhas tias. Toda a vida tinham morado aqui e se as tirava daqui era a morte delas. Quando quis sair, já estava instalada a crise, já não consegui fazer aquilo que queria. Não faço a menor ideia para onde iria. Ficar por esta zona dependeria do sítio e das condições que queriam. Se é para pôr o comércio reabilitado e manterem um comércio de nível baixo como está a acontecer, não vale a pena ficar aqui na Baixa, nem vale a pena recuperar a Baixa, porque o que se recuperou não trouxe qualidade à Baixa. Não há nenhuma casa recuperada que tenha trazido qualidade.

Os turistas andam de comboiinho, ou de autocarro, ou vão directos para as caves. Os autocarros vão buscá-los aos hotéis e deixam-nos lá. Poucos andam a pé e não compram, já compraram,

mas neste momento não compram. Desde que entrou o euro então foi um caos porque passou a haver paridade. E depois temos o ouro que é português, por um lado é bom, mas eles depois acabam por comprar origem mais barata.



Produtos da Ferreiros Joalheiros (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

## Avaliação

### O amanhã desta rua

Este trabalho acho óptimo, acho que já devia ter sido feito há mais tempo. Peca por ser tardio. Mas esperemos que ainda vá a tempo, é isso que eu auguro, que ainda se consiga fazer alguma coisa ao que resta. Sobretudo, para ajudar os resistentes e aqueles que têm vontade de preservar a rua. Por exemplo, a Casa Carregosa, a casa bancária, mantém aquilo pelo nome, por ser na Rua das Flores porque toda a actividade está fora da Rua das Flores. Mas o que existe são as pessoas que são teimosas e que acreditam que gostariam que isto voltasse.

Ninguém vai voltar ao antigamente porque é utópico, o dia de hoje não pode ser igual ao de ontem, mas hoje temos de pensar ou trabalhar em função do que amanhã nós queremos mas é hoje que nós temos de fazer o amanhã e é isso com certeza se estão a fazer com este trabalho. Estão a fazer o que será amanhã esta rua. Isso se não morrer totalmente com as obras e com os projectos da falta de cuidado que houve.

